

Desafios dos candidatos

por Claudia de Souza
de São Paulo

A medida que evolui a campanha eleitoral do segundo turno e o discurso dos dois candidatos sobre programas de governo ganha substância, maior fica o desafio, para o novo presidente, de administrar as expectativas dos eleitores.

Para atendê-los, o presidente eleito precisará de poderes de malabarista. Espera-se que ele controle os preços — mas que também amplie os gastos sociais, aumente o poder de compra dos salários, reduza a burocracia estatal, reverta o endividamento do Estado e arrecade mais impostos.

Tudo isso ao mesmo tempo que se espera que induza os empresários ao investimento produtivo — já que, seja do Partido dos Trabalhadores ou do Partido de Renovação Nacional, o no-



Zélia Cardoso de Mello

vo governo não deverá implantar nenhuma regra fundamentalmente diversa das atuais, capitalistas.

Do ponto de vista de sua coloração política, as propostas explicitadas até agora — ainda que genéricas — são moderadas de um lado e de outro. Embora seja visto como um candidato da direita, Collor conta com uma equipe de assessores econômicos que, segundo descreve sua principal auxiliar, Zélia Cardoso de Mello, é composta de "pessoas que trabalharam no PDMB", ex-funcionários do governo paulista de Franco Montoro e ex-alunos seus da Universidade de São Paulo. "As esquerdas temem Fernando Collor pelo seu passado e a direita pelo seu futuro", diz Zélia Cardoso de Mello, lembrando a frase do reitor da Universidade de Brasília, Cristóvão Buarque de Hollanda.

Do lado do Partido dos Trabalhadores, em que pesem os discursos dos próximos dias no palanque, é inegável a moderação das propostas dos assessores

econômicos do candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

O economista Jorge Mattoso, do grupo de economistas assessores do PT, afirmou ao repórter Roberto Baraldi que o programa do partido não prevê o "calote" mas sim a negociação com os principais detentores da dívida interna, com o objetivo de canalizar o "capital de espera", como ele diz, para o setor produtivo.)

Igualmente, basta tomar o raciocínio do economista Carlos Eduardo Carvalho, voz autorizada do Partido dos Trabalhadores escrevendo neste jornal a respeito da questão da dívida pública. Está afastada qualquer possibilidade de "calote" ou desvalorização compulsória dos títulos da dívida pública, ele afirma, pelo simples motivo de que um grupo petista pretende evitar conflitos com o mercado financeiro que dificul-

tariam a retomada dos investimentos das empresas privadas, vistos como um componente indispensável para viabilizar o crescimento econômico.

"Minha convicção pessoal é que só haverá um tema daqui para a frente: a inflação e a recorrente constelação de questões macroeconômicas

(Continua na página 3)

A assessoria econômica da Frente Brasil Popular esteve ontem reunida, pela primeira vez, com o ministro Mailson da Nóbrega. No encontro, defendeu o aperfeiçoamento da atual política de reajustes, feito pelas câmaras setoriais, assim como a aplicação de um redutor de preços negociado, com o objetivo de conseguir um índice de inflação de 10%, em dezembro de 1990.